

Dois textos poéticos sobre o episódio da “Contagem dos Judeus”

Teresa Martins de Oliveira

Universidade do Porto - ILC

Resumo: Muito embora algumas revisões contemporâneas da história da Primeira Guerra Mundial tendam a relativizar o mito do generalizado fervor bélico alemão no verão de 1914 e também da mobilização patriótica dos judeus, certo é que o discurso de apaziguamento do Kaiser (Burgfriedensrede) calou fundo no sentir dos judeus alemães. Porém, já no outono do mesmo ano, alguma imprensa alemã fazia eco do antissemitismo dominante na sociedade guilhermina. Ponto alto dessas manifestações e (eventual) ponto de viragem na adesão dos judeus à guerra seria, contudo, a “contagem dos judeus”, a mando do ministro da guerra, que teve lugar dois anos depois. O meu trabalho procurará dar conta de como a temática da guerra e do antissemitismo se encontram (ou não) presentes nos textos dramáticos escritos por autores alemães judeus ou de origem judaica e se neles é possível detetar uma alteração de posição face à guerra como resultado do eventual desencantamento atrás referido. Procurarei igualmente analisar de que forma aquelas temáticas se articulam (ou não) com propostas formais inovadoras, num meio literário em que muitas das linguagens vanguardistas se ficavam a dever a autores judeus ou com raízes judaicas, a que conferiam, contudo, diferente valor.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial, autores alemães judeus

Diferentemente do que acontece nos outros países, a Alemanha foi levada durante muito tempo a ler os acontecimentos da Grande Guerra à luz das vivências da Segunda Guerra Mundial, tão avassaladoras estas se lhe afiguram. Esta tendência será especialmente

notória quando se trata da questão judaica, tematizada nos dois textos que aqui pretendo tratar. O episódio da contagem dos judeus ou censo judaico (“Juden-zählung”) durante a Primeira Guerra Mundial é vista por alguns sociólogos e historiadores (muitos deles de matriz sionista ou influenciados por ela) como o momento de viragem que conduziu inevitavelmente do antissemitismo do Segundo Reich à solução final do Terceiro. Outros, todavia, rejeitam a ideia determinista e fatalista da inevitabilidade histórica e sustentam que o curso da história em 1933 poderia bem ter sido outro, nomeadamente no que aos judeus diz respeito.¹

Lembremos, rapidamente, a situação dos judeus alemães e ou dos alemães de origem judaica no início do século XX, chamando desde já a atenção para o facto de que estudos mais recentes têm dado grande ênfase à necessidade de reequacionar o tradicional binarismo do modelo germano-judeu, atendendo à complexidade de conceitos como identidade e integração e do próprio conceito de Alemanha, que é resultado da confluência de identidades alternativas e em competição (vd. Fine 2012: 3-10).²

Tendo atingido a plena cidadania no último quartel do séc. XX, com a fundação do Império alemão, muitos judeus alemães consolidam a sua ascensão económica e cultural no período até à Primeira Guerra mundial e tornam-se parte integrante da elite intelectual alemã. Muito embora discriminados no acesso aos mais altos postos das carreiras pública, académica e, principalmente militar, que a aristocracia conservadora dominava, e vítimas ainda de alguma discriminação social, a maioria acreditava que atingir a igualdade plena era uma questão de tempo e resultado da evolução natural das mentalidades.³ Diferentes no seu grau de assimilação/aculturação, os judeus alemães diferiam também nas suas opções políticas, que iam do conservadorismo ao liberalismo e ao socialismo, bem como crescentemente, nas suas opções religiosas. Se alguns havia que, com maior ou menor convicção, se convertiam ao Cristianismo, outros mantinham-se fiéis à sua crença original, em variações que iam do tradicionalismo ao reformismo, outros ainda adotavam um judaísmo de matriz laica. Mas todos, com exceção dos sionistas mais convictos, que olhavam com desconfiança qualquer manifestação de patriotismo alemão por parte dos judeus, terão reagido com entusiasmo ao discurso do Kaiser, que em 4 de agosto de 1914 e face ao

desafio da guerra, proclama uma trégua interna entre todos os alemães, “sem diferenças de partido, raça, ou confissão”.⁴ Quer se advogue, como alguns historiadores o têm feito, que os judeus esperavam libertar-se do seu papel de marginalizados através de um patriotismo demonstrativo (Jahr 2004: 88-89), quer se sustente que a assimilação dos judeus era de tal forma real que o seu empenhamento bélico não constituía uma forma de híper patriotismo, antes da luta pelo país e pela cultura com que se identificavam (Fine 2012: 8-9), certo é que os judeus incorporam, como os outros burgueses citadinos, o verdadeiro “espírito de 1914”. Acresce ainda que alguns judeus veriam com bons olhos a guerra contra a Rússia, uma vez que o Csar vinha dizimando em sangrentos pogroms ou condenando à emigração muita da população judaica (os “Ostjuden” [Judeus do Leste], a que à frente voltarei).

A guerra afigurava-se, pois, aos alemães de origem judaica como a muitos outros, um mal necessário que, depois de um curto período bélico de clarificação, iria conduzir a um apaziguamento interno e a uma paz duradoira. Esta esperança vem, contudo, a gorar-se à medida que o conflito se prolonga na inconclusividade da guerra das trincheiras e com o aumento das privações e do desencanto na “Frente da Pátria”, reacendendo-se o antissemitismo latente em muitos quadrantes da sociedade alemã. Crescem generalizados rumores acerca do judaísmo internacional por trás da inconclusividade do conflito, acusam-se os judeus de explorarem os negócios da guerra, por um lado, e por outro de fugirem às suas obrigações como soldados, comprando lugares na retaguarda e atestados de inaptidão ou mesmo desertando em grande número (cf. Ullrich 2003: 108-117).

No dia 11 de outubro de 1916, o ministro da guerra prussiano ordena que sejam contados os judeus efetivamente presentes na frente de batalha, episódio sentido como um insulto pela população judaica.⁵ São inúmeros os relatos indignados de soldados e oficiais submetidos a esta contagem, acompanhados tanto de manifestações de patriotismo face à Alemanha, como de referências às chicanas por parte de camaradas e superiores. Sabe-se também que nos meses subsequentes desceram consideravelmente as quantias monetárias com que a população alemã contribuía voluntariamente para o esforço de guerra, o que foi entendido como consequência da suspensão dos pagamentos por parte dos judeus.

Inversamente, estudos recentes dedicados à análise dos periódicos judaicos constataam que as referências ao censo são relativamente moderadas na sua indignação, justificando-se tal comedimento quer com a política de apaziguamento tradicionalmente adotada pelos judeus assimilados, convencidos de que quanto mais se publicitasse o antissemitismo, mais ele cresceria, quer com uma real desvalorização deste episódio, comparável a tantas outras manifestação de antissemitismo gratuito.⁶

Os textos que me proponho tratar, – o poema “Juden zählung” [Contagem dos Judeus] de Henriette Fürth (1861 – 1938) e a narrativa curta “Juden zählung vor Verdun” [Contagem dos Judeus frente a Verdun] de Arnold Zweig (1887 – 1968) – hoje praticamente esquecidos, foram publicadas nos dois meses seguintes ao episódio que lhes está na origem. Eles interessam-me não só enquanto reação literária divergentes a um mesmo acontecimento histórico, mas também, especialmente, por tornarem claro como a literatura tanto se torna espelho do conflito interno que crescia na Alemanha como procura ter nele uma palavra ativa.

“Juden zählung” é o poema que a socióloga, jornalista e política social-democrata Henriette Fürth, conhecida defensora dos direitos das mulheres, publica em janeiro de 1917. Com dois filhos a combater na frente de guerra e ela própria empenhada num importante trabalho social, Fürth reage ao episódio do censo judaico com forte indignação, mas não abandona a sua crença num apaziguamento futuro entre os alemães de todas as confissões, inscrevendo-se o poema na sua cruzada endoutrinadora.⁷

Trata-se de um poema aparentemente simples, tanto no que respeita ao conteúdo como à forma. Com uma grande economia de motivos, o enfoque é posto na questão nuclear da injustiça que constitui a contagem dos judeus. Outros motivos subliminarmente presentes (p.ex. a ideia de que a guerra possa conduzir à verdadeira unificação da Alemanha e à integração nela dos judeus como alemães de pleno direito; ou o necessário esforço de integração por parte dos próprios judeus e ainda a oposição entre “Ostjuden” e “Reichsjuden” [judeus do império]), passam para segundo plano e requerem uma maior atenção de leitura.

Para a simplicidade e impressividade do poema concorrem a exploração de uma toada romântica, sustentada por uma retórica e uma imagética simples e ainda uma argumentação polarizada em oposições de matriz binária. O poema abre com uma estrofe plena de elementos próximos da “Schauerromantik” [Romantismo negro], tanto pela imagética como pela seleção lexical ativadas na descrição do espaço a Leste e a Oeste. O Leste, na literatura alemã tradicionalmente conotado com a vastidão impenetrável e ameaçadora, é também aqui o lugar onde a morte impera, antropomorfizada, crescendo de pântanos negros e de rochedos escarpados, em emboscadas traiçoeiras. É certo que no Ocidente a morte domina também, mas os espaços têm nomes, ainda que tristemente familiares (os das batalhas e das campanhas mais mortíferas para os alemães: Somme, Ancre, Flandres), e a causa da morte é muito objetivamente o fogo da metralha. Esta oposição tem, porém, um outro significado no poema: é que o Leste é a pátria dos “Ostjuden” que provocam diferentes e ambivalentes sentimentos de atração e repulsa nos alemães de origem judaica. Para muitos destes, as campanhas do Leste terão significado um acontecimento de consciencialização identitária, na qual a par do sentimento da sua superioridade cultural desenvolvem um fascínio romântico face à autenticidade das formas de vida arcaicas e das vivências religiosas daqueles judeus estranhos (cf. Herzog 1998).

Por outro lado, é também binária a oposição entre judeus e alemães ao longo do poema. Na 2.^a estrofe, os soldados aparecem sob a designação generalista e fraterna de “nossos irmãos”, mas já a partir da 5.^a estrofe, o eu lírico surge como fazendo parte do grupo dos judeus, contrastando com o “ihr” [vós] alemão. Se a repetida oposição pronominal concorre para criar uma diferenciação clara entre “nós”, os judeus, e “vós”, os alemães, a polarização acentua-se nos comportamentos dos dois grupos. Invertendo os estereótipos popularmente assacados aos judeus, por um lado, e a imagem que os alemães têm e doam de si próprios, por outro, o poema apresenta os judeus como leais, generosos e confiantes no futuro, e assim não só dignos de integrarem a nação alemã (cujos ideais tão exemplarmente encarnam) como mesmo os seus representantes perfeitos: entre a inflamação patriótica de pendor romântico e a elevação moral, a serenidade e a confiança no futuro (de orientação clássica).

Quanto aos alemães, eles não são diretamente atacados, mas inquiridos acerca do comportamento desconfiado, ingrato e preconceituoso que revelaram ao levar a cabo o censo. Esta crítica, nascida de uma natural indignação, é remetida para o campo da moral e do privado (“O que fizemos nós, para que nos fizessem tal? / Como pudestes perguntar pela confissão? [“Was taten wir, dass man uns das getan? / Wie durftet ihr nach dem Bekenntnis fragen?”]), acentuando-se a necessidade de uma clarificação. Ao mesmo tempo, enfatiza-se e apela-se às virtudes “alemãs” dos judeus, afirmando-se como certo o seu reconhecimento num futuro próximo, em que judeus (e outras minorias alemãs) possam contribuir para a construção da Alemanha. Esta surge como pátria - nas duas variações de “Heimat” e “Vaterland” - e o povo que nascerá da unificação alemã é uma unidade ideal, em que se esbatam as antinomias (“Um povo uno, filho da Alemanha unida”. [ein einzig Volk; des eingen Deutschlands Kind]).

Henriette Fürth publica o seu poema na revista *Liberales Judentum*, órgão da Organização para o Judaísmo liberal [Vereinigung für das liberale Judentum,] que, tal como todos os jornais judeus que se publicaram na Alemanha entre meados do séc. XIX e meados do séc. XX, pode ser lida *on-line*. Uma breve análise dos artigos programáticos da revista torna clara a sua orientação para o judaísmo reformado, aliada a um ideal político de crescente aproximação e integração na Alemanha, sem perda da identidade judaica. Compreende-se, assim, quais os destinatários imediatos do poema e o diálogo a que exorta, para que os alemães de origem judaica, embora natural e justamente indignados com o censo, não se deixem desviar do seu rumo de integração, nem seduzir pelo judaísmo do Oriente, que lhes é estranho e até hostil.

O segundo texto, do escritor Arnold Zweig, “Juden zählung vor Verdun” [Contagem de Judeus frente a Verdun], é publicado pela 1.^a vez em 22 de dezembro de 1916 no semanário de orientação sionista *Jüdische Rundschau*⁸ e remete, como o próprio Arnold Zweig escreve a partir da frente de batalha ao filósofo sionista Martin Buber, seu amigo, para um momento de viragem na sua vida.

Trata-se de uma narrativa curta, em prosa poética, constituída por duas partes distintas, emolduradas por uma breve ação do eu-narrador. No início do texto, este é

acordado do sono por uma “leve mão” (a mão de Deus?) para que num ambiente onírico entre sono e vigília se torne espectador/testemunha/cronista da cena que depois se descreve. Este *incipit* ao gosto do simbolismo alemão do início do século XX, que sabidamente recupera motivos românticos, aqui a lembrar os contos noturnos de Hoffmann, introduz uma cena grotesco-macabra, variação paródica, exacerbada e ridicularizante, do censo judaico. Acordados do sono da morte pelo querubim Azrael, para que possam ser contados, os judeus “que desertaram dos campos de batalha refugiando-se na morte”, vindos dos mais diferentes teatros de guerra, do Leste ao Oeste, formam em parada frente ao cenário noturno, tempestuoso, mesmo apocalíptico de Verdun (descrita como uma forja ardente). Às ordens do militar que organiza a contagem responde uma voz tímida, vinda das profundezas da terra, a explicar a perspectiva dos soldados mortos: “Grande Pátria, eu pensava ter morrido por ti e por ti repousar”. Mas um turbilhão movimenta os mortos que se colocam em fila, numa parada militar de corpos andrajosos, mutilados, desfigurados, esventrados e putrefactos, descritos numa toada claramente expressionista. Alinhados por ordem de patente e função, assinam o seu nome judaico e entregam insígnias ou instrumentos de trabalho e as condecorações que haviam ganho em combate. Nome, origem, local de morte, tudo é atestado e assente. Alguns deles, os batizados, ostentavam na testa uma pequena cruz que se esbate até desaparecer, depois de cada um ser inquirido sobre a sua confissão e de ter declarado, num crescendo de consciência identitária: “ israelita, de confissão mosaica, alemão de fé judaica, judeu, sim”. Descreve-se, pois, como alemães de origem judaica, no momento da contagem, perdem (não se sabe se coerciva se voluntariamente) os elementos que marcavam a sua pertença ao exército guilhermino, símbolos metonímicos da sua identidade alemã.

Segue-se, na 2.^a parte do conto, e em jeito de conclusão, um texto de carácter fortemente parabólico, que poderia existir autonomamente. A viragem diegética entre as duas partes é acompanhada de uma outra cesura, a nível poético-ideológico ou mitológico-religioso. De facto, a primeira parte da narrativa revela uma forte implantação no pensamento e nas correntes epocais da literatura alemã, variando entre o Simbolismo e o Expressionismo. As referências judaicas presentes não impedem a fácil compreensão do

texto, que zela até com explicitações internas para que ela se realize de forma (quase) cabal. Atentemos na segunda frase do texto: “Azrael, **querubim que comanda os mortos**,sopra o **corn** Schofar...” [destaque meu]. Pelo contrário, a segunda parte do texto provoca, a uma primeira leitura, um desconcerto que parece remeter o leitor para a obscuridade das parábolas de Kafka, às quais o parecem ligar também interessantes paralelismos linguísticos e imagéticos. É apenas à luz da tradição judaica, quer de origem popular quer talmúdica, que o texto ganha uma nova dimensão e um novo significado, aproximando-se das parábolas bíblicas e das parábolas iluministas, de pendor didático e alicerçadas num mundo de claros valores morais. Acontecimentos e imagens, de matriz parabólica e apenas aparentemente crípticas, remetem para situações existenciais de carácter transversal: os corpos dos soldados mortos não encontram proteção nas suas campas e caem para dentro da terra. De acordo com a tradição popular judaica, segundo a qual no fim dos tempos um rio subterrâneo levará para Israel os corpos dos que foram enterrados na diáspora, para que possam ressuscitar na terra prometida, os corpos dos soldados, transformados em pequenos cilindros, são conduzidos por um rio subterrâneo até desaguarem sob palmeiras, à luz de “um sol radioso que se levanta do mar”, para serem depois moldados em pequenas pedras e integrados na parede de uma torre em construção.

Também a redução estrutural das figuras a alguns traços base de pendor demonstrativo se configura como parabólica. O homem hercúleo que recebe os corpos e constrói a torre é uma variação judaica do herói socialista da mesma época e que a iconografia judaico-sionista explorou: de barba negra, avental de trabalhador, a pá de pedreiro à direita e a espada desembainhada à esquerda. Tanto o seu aspeto como a diligência com que trabalha e a própria obra que executa, bem como o seu comportamento modesto e sereno (cora face à grande alegria que lhe causa a boa nova trazida por Akiva), e a forma como espera com confiança a chegada da “Filha de Sião” fazem do homem a imagem perfeita do sionista na terra de Israel. Por seu lado, Akiva, o homem velho que dele se aproxima, trazendo na face a alegria que no Velho Testamento é própria daqueles que viram a face do Senhor, assume a papel múltiplo de profeta (anuncia ao obreiro a chegada próxima da Filha de Sião) e de mentor e mandante (em relação ao narrador).

Este, que regressa no final, é imagem dos que, ao contrário do sionista ideal, não sabem esperar pacientemente a chegada do Messias. Ao narrador Akiva conta a parábola retirada ao muito difundido discurso proferido por Martin Buber em Praga, em 1911 (o 1.º discurso de Praga). Em jeito de peça na peça e num diálogo de construção dramática que é marca distintiva dos textos de Buber, com cujo pensamento aqui se dialoga, Akiva conta que o Messias, na figura de um mendigo corcunda, está sentado às portas de Roma, à espera. À pergunta do narrador “Por quem espera ele?”, Akiva responde lapidariamente: “Por ti!” ao que o narrador acorda, assustado, mas de coração renovado.

Todo o episódio se confirma, assim, na sua dimensão onírica, mas claramente profética: os alemães de origem judaica, expulsos do exército e do solo alemão, reencontrarão a sua pátria na Terra de Israel, onde se transformarão em pedras vivas da reconstrução de Jerusalém (a Filha de Sião bíblica, que se encontrará já a caminho).

Caspar Battegay publica em 2005 um pequeno mas informativo artigo sobre este texto de Zweig, a que chama uma joia escondida da prosa do autor. Nele explora habilmente as frequentes referências judaicas, sendo o texto lido (especialmente) enquanto diálogo inter-religioso de Zweig com o pensamento de Martin Buber. De facto, Zweig introduz na parábola de Buber que transcreve no final variações pequenas, mas que (com Battegay) considero decisivas e das quais referirei apenas a substituição da figura do Homem Velho da parábola de Buber por Akiva. Tal alteração, que à primeira leitura parece acentuar e credibilizar o valor da mensagem que profere, introduz na verdade um momento de ambivalência. É que Akiva, o rabi que no séc. II d.C. lançou as bases do judeísmo talmúdico, considerado o sábio de todos os sábios (Battegay), acreditou durante um curto período de tempo durante a terceira guerra judaico-romana que o revoltoso Bar Kochba seria o Messias, por quem os Israelitas tanto esperavam, evidenciando-se, assim, como até mesmo grandes profetas se enganam sobre a difícil questão da chegada do Messias e sobre a forma (e a legitimidade) de a influenciar.

Questiona-se, assim, a radicalidade da mensagem final de Akiva ao narrador, na qual este parece ser chamado ao trabalho da construção de Israel, eventualmente pela escrita, como já o primeiro parágrafo do texto deixava transparecer. O universo aparentemente

idílico da segunda parte do texto, que corresponde à visão difundida pelo sionismo, surge assim a uma luz se não dissonante, pelo menos relativizada. Tal questionação corresponde à mundividência de Arnold Zweig que, depois de um período de tempo de inflamação patriótica no início da guerra, regressou ao pensamento sionista. Como momento de viragem, ele próprio indica o censo judaico, que viveu em direto, na frente de batalha. As dúvidas que essa viragem lhe suscita (e a que a introdução da figura de Akiva dá expressão) correspondem à inquietação que sempre acompanhou Zweig e que fez dele, tanto física como religiosa e ideologicamente, uma figura de judeu errante.

A concluir: os dois textos constituem reações literárias ao episódio do senso judaico e revelam-se, cada um à sua maneira, revestidos de uma forte vocação endoutrinadora. De facto, eles não só descrevem de forma simbólica e metonímica um momento central na consciência identitária dos judeus alemães como procuram ganhar o leitor para uma posição politico-ideológica de matriz inversa. Para Henriette Fürth, tratava-se de levar os alemães a reconhecerem o erro que constituiu o censo, mas também de garantir que os alemães de origem judaica não perdessem a fé numa integração possível. Pelo contrário, Arnold Zweig advoga a opção pelo sionismo, opção de que a própria mudança de referências religioso-literárias se faz espelho. O leitor ideal de Zweig deverá converter-se à fé ou pelo menos à cultura judaica, sob pena de falhar a leitura do seu texto. Os elementos dissonantes que introduz na pequena narrativa, que são reflexo das inquietações interiores do autor, não chegam para comprometer o apelo sionista do seu texto, antes convidam a uma mais profunda reflexão identitária e religiosa.

Bibliografia

Angress, Werner T. (1978), “The German Army’s ‘Judenählung’ of 1916: Genesis – Consequences – Significance”, *Leo Baeck Institute Year Book*, 23: 117–135.

Battegay, Caspar (2008), “Ende mit Schrecken. Arnold Zweigs «Judenählung vor Verdun» als Bild aufgeschobener Identität”, *Weimarer Beiträge* 54, 3: 353-361.

Fine, David J. (2012), *Jewish Integration in the German Army in the First World War*, Berlin, De Gruyter.

Herzog, Andreas (1998) “Zum Bild des »Ostjudentums« in der »Westjüdischen« Publizistik der ersten Jahrzehnte des 20. Jahrhunderts”, in *Mitteilungen und Beiträge. Forschungsstelle Judentum*. Theologische Fakultät Leipzig, Leipzig, Thomas-Verlag, 26-49; online <http://ludens.elte.hu/~aherzog/archiv/text05.htm> (acedido fevereiro 2015).

Jahr, Christoph (2004), “Sündenböcke der Niederlage. Warum der deutsche Antisemitismus im Ersten Weltkrieg immer radikaler wurde”, *Spiegel/1*: 88-89 online (acedido em agosto 1914)

-- (2011) *Antisemitismus vor Gericht: Debatten über die juristische Ahndung judenfeindlicher Agitation in Deutschland (1879-1960)*, Frankfurt a.M., Campus Verlag

Kraus, Hans-Christof (1993), *Altkonservativismus und moderne politische Rechte*, in Thomas Nipperdey u. a. (Hrsg.): *Weltbürgerkrieg der Ideologien. Antworten an Ernst Nolte. Festschrift zum 70. Geburtstag*, Berlin et alii, Propyläen.

Mosse, Werner E. (ed.) (1998) *Juden im Wilhelminischen Deutschland, 1890-1914: ein Sammelband*, Tübingen, Mohr Siebeck.

Omrann, Susanne (2000), *Frauenbewegung und “Judenfrage”: Diskurse um Rasse und Geschlecht nach 1900*, Frankfurt a.M., Campus Verlag.

Ullrich, Volker (2003), *Fünf Schüsse auf Bismarck. Historische Reportagen*, München, C.H.Beck.

Sieg, Ulrich (2008) *Jüdische Intellektuelle im Ersten Weltkrieg: Kriegserfahrungen*, Berlin, Akademie Verlag, *online* (acedido em dezembro 2014).

Wehler, Hans-Ulrich (1995), *Deutsche Gesellschaftsgeschichte.*, Band 3: *Von der „Deutschen Doppelrevolution“ bis zum Beginn des Ersten Weltkrieges. 1849-1914*, Beck, München.

Winkler, Heinrich August (2005), *Der lange Weg nach Westen*, Beck, München.

Teresa Martins de Oliveira é Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Departamento de Estudos Germanísticos), onde se doutorou em 1998. Investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (Unidade I&D) e colaboradora do Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos (Unidade I&D), da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Áreas de investigação: prosa narrativa em língua alemã dos séculos XIX até à actualidade, Literatura Comparada, Tradução Literária, Estudos de Género, Estudos de Masculinidades, tendo vários artigos publicados nestas áreas. Principais publicações: *A Mulher e o Adultério em “o Primo Basílio” de Eça de Queirós e “Effi Briest” de Theodor Fontane*, edição da livraria Minerva, do CIEG e da FLUC, Coimbra, 2000; *Eveline Hasler in Porto*.

ANEXO

Contagem dos Judeus

Henriette Fürth

Largas se espraíam as largas estepes do leste.
A morte cresce do chão pantanoso e negro
Espreita dos sulcos venenosos dos pântanos
Ameaça do cimo de escarpas íngremes como torres
E irrompe de cobardes emboscadas.

Ali estão eles. Ali combatem nossos irmãos.
E de um pai judeu combatem os filhos
E de uma mãe judia o filho tombou
E para ela nunca mais voltará, nunca mais.
Ide e contai. É recompensa de trabalho fácil.

E onde no Ocidente caminham os exércitos
E a morte irrompe de mil gargantas de fogo,
Os filhos dos judeus seguem com os outros
Lá no Somme, Ancre e na Flandres
E todos, todos compartilham a mesma dor.

Ide e contai-os. Contai também os que enterrou
E estropiou esta guerra cruel.
Ide e contai. Tereis a nossa ajuda
Para contar também as dádivas caridosas dos judeus
E os judeus que lutaram na frente da pátria.

Amamos a nossa pátria, e os seus campos
Dizemo-nos alemães, porque alemães somos.
E pagando amor com amor, confiança com confiança

Queremos construir convosco o futuro.
Um povo uno. Filho da Alemanha unida.

Agora vós contaís-nos. Não o queremos suportar.
O que fizemos nós, para que nos fizessem tal?
Como pudestes perguntar pela confissão?
Naqueles dias exaltados nós não perguntámos:
Fizemo-lo pela Pátria, sem questionar.

E quando um dia a história ditar seu veredicto,
Sois vós, não nós os que dirão levianos.
Nós não tememos a clareza da verdade,
Que irrompe brilhante da noite dos tempos:
Nós caminhamos em frente para o país do futuro.

(Tradução do poema „Juden zählung“ de Hemriette Fürth, *Liberales Judentum*, Heft 1, Jan. 1917, 12-13)

Contagem dos Judeus frente a Verdun

Arnold Zweig

À meia noite, uma mão tocou-me ao de leve: “Levanta-te”. Saí da barraca adormecida e vi:

Azrael, querubim que comanda os mortos, lançava do firmamento noturno a sua ira cheia de rancor, tocava o corno Schafar, e gritava: “Levantem-se para a contagem, oh judeus mortos do exército alemão!”

Sem demora, o campo encheu-se de um enxame de figuras silenciosas até às colinas ondeadas, atrás das quais rugia a forja ardente de Verdun, inflamada de novo, e as forjas mais pequenas bramavam. Chamas cresciam terríveis, a noite, num lamento, quebrava em espasmos no horizonte da metralha. O vento vinha voando de Orion, o sinal luminoso do homem, em direção à lua, que em véus soturnos pendia, débil, sobre os cumes. Um murmúrio estremecia sobre o campo, eram milhares os que o clarão sombrio envolvia. Havia uma mesa, aberto em cima, um grande livro, atrás dela sentava-se um escrivão fardado, de nariz afiado e topete louro, que gritou:

“Apresentar por ordem de patente. A certidão de óbito vai ser reconhecida”. Então uma voz suave disse: “Oh porque não nos deixais dormir, aos que descansávamos já em paz, nos braços da terra?” E o escrivão: “A estatística pergunta quantos de vós, judeus, desertaram da guerra longínqua para a cova.” Do campo ergueram-se gemidos, como se o chão se lamentasse, e a voz exclamou dolorida:

“Grande pátria, eu pensava ter morrido por ti e por ti repousar!” Mas um turbilhão movimentou os mortos, aproximaram-se da mesa, um a seguir ao outro: capitães e médicos do Estado Maior à frente e tenentes e médicos, primeiros-sargentos e segundos-sargentos, furriéis, cabos e praças. E o escriturário entregava a cada um, na mão, uma pena ressequida, que pingava como um dedo aberto; cada um deles escreveu o seu nome hebraico em letras pequenas e vermelhas, que brilhavam como lacres quadrados. Os cadáveres esperavam de pé, com paciência, e, quem já tinha escrito, pousava na mesa em silêncio as insígnias que trazia e recuava, um no meio da multidão. Ali ficaram as dragonas largas dos médicos do Estado Maior e as de prata dos oficiais, *porte-épées* como ovos de prata, os galões dos oficiais subalternos, os pequenos bordões de Esculápio, os botões grandes dos cabos; as cruzes de guerra de 1.^a classe e muitas cruzes de 2.^a classe, outras cruzes e medalhas, fitas brancas e negras e fitas de todas as cores. O monte não parava de crescer sobre a mesa.

Os homens silenciosos aproximavam-se, escreviam e integravam a multidão. Como uma leve aura, envolviam-nos os contornos do velho corpo, fosforescendo como madeira apodrecida; mas o núcleo escuro era formado pelo corpo, que a seu tempo fora colocado na campa. As barrigas carcomidas pelo tifo e manchadas pela disenteria. As cabeças tinham buracos de metralha, metades de crânios haviam sido levadas por granadas, faltavam braços, pernas; costelas partidas atravessavam uniformes rasgados. Vinham envoltos em ligaduras, vestidos de andrajos, sem botas; olhos apagados olhavam sombrios, das fronteiras curvadas descia um brilho esbranquiçado, os mortos calavam-se, de vergonha e luto. Havia mancebos ao lado de rapazinhos e jovens ao lado de homens maduros. E indicavam a idade que tinham e onde haviam nascido: por toda a parte na terra alemã; e as profissões: professores e advogados, rabinos e médicos, viajantes, muitos estudantes de todas as faculdades, alunos, pintores, jovens poetas, comerciantes, artesãos e de novo comerciantes e, repetidamente, comerciantes. E onde haviam tombado? Onde jaziam na campa? Perto de Lille, diziam, e de Pozières, ao longo de todo o Somme, o nome era Thiaumont e Azannes, Fleury e Vaux, Champagne, Argonne, Vosges, toda a Flandres, estes eram os que repousavam há mais tempo na terra molhada. Mencionaram Bzura, Prússia Oriental, Cárpatos, foi referido Slota Lipa, San, Caunas e Dünaburgo, o pântano de Volínia, a floresta húngara, o monte sérvio, o vale da Galícia: e Azrael, o anjo, assentia a cada um deles, ele os tinha semeado, como grãos de semente os havia atirado para longe, em diferentes direções. Tudo foi apontado no livro, a pena movia-se, pequenas letras vermelhas cresciam nas folhas pálidas. A alguns brilhava-lhes uma cruz clara na fronte, eram os batizados; o escrivão perguntava a cada um deles: “Judeu? E ele assentia, dizia: “Já sabe”, dizia: “De confissão mosaica”, “Israelita”, dizia. “Alemão de fé judaica”, “Judeu – sim”, diziam alguns e punham-se em sentido, e as cruces empalideciam a todos eles. E como os mais recentes se aproximavam da mesa, quase sangrando ainda, trazidos no vento da Roménia, da Dobruska, do Somme.

A lua perdeu o brilho, o vento soprava com mais força pela escuridão adentro, Azrael levantou a mão, o campo estava vazio, coberto de um brilho difuso. Chegou a noite, toda negra, fulgente nas margens, da forja de Verdun, urrante atrás das colinas.

*

Mas os judeus mortos já não encontravam suporte no chão das suas covas. Desciam, escorregavam lentamente, bem para o fundo, os corpos sem alma. Um rio, negro e silencioso, que corria nas veias da terra, acolhia-os e rolava-os para Leste; cada um deles se tornava um cilindro, arredondado e

muito macio. E o rio deitava-os fora, de manhã cedo; desaguavam entre palmeiras, à luz de um sol radioso, que se erguia do mar. Um homem grande, com uma larga barba negra e o avental de trabalhador, com a pá de trolha pousada à direita e à esquerda a espada desembainhada, pegava em cada um deles e comprimia-os – ao sol tornavam-se pedra – e integrava-os num pequeno muro; o rio lançava-lhe aos pés cilindro após cilindro, e o operário colocava pedra sobre pedra, sem levantar os olhos. Um ancião aproximou-se dele e cumprimentou-o, como a aurora sobre rocha antiga, um sorriso jovem pairava sobre a testa esboroada e a barba grisalha: “Louvado seja o que constrói a torre”, disse ele, e “Lembra-te daquele que viu a Filha de Sião”, respondeu o construtor e colocou uma pedra. “A Filha de Sião vem a caminho”, respondeu Akiba, e o obreiro corou de felicidade. Eu, porém, não me contive: “Oh Akiba, exclamei, “Quando vem o Messias?” O seu olhar examinou a minha alma. “Às portas de Roma está sentado um pedinte corcunda, o Messias, à espera”, disse ele; senti-me assustado como que por uma ameaça. “Por que espera o Messias?” exclamei, cheio de medo. “Por ti”, disse o ancião e voltou-se. E eu acordei com aquele susto repentino, penetrante e que renova o coração.

Arnold Zweig, “Juden zählung vor Verdun” in *Jüdische Rundschau*, 1916.

(Tradução dos textos: Teresa Martins de Oliveira.)

NOTAS

¹ Sobre a teoria de uma “via específica” alemã [Sonderweg], vd. Wehler, 1995. Sobre a sua questionação, vd., p. ex., Kraus (1993) e Winkler (2005).

² No mesmo sentido vão opiniões de investigadores contemporâneos, que defendem uma leitura “gendered” da situação da comunidade judaica, substituindo a oposição binária judeu vs. alemão, por uma situação de hibridização.

³ Sobre a situação dos judeus no tempo de Guilherme II, vd., p.ex., Mosse 1998; Sieg 2008: 23-53.

⁴ No dia 4 de agosto de 1914, Guilherme II anuncia no seu célebre discurso no *Reichstag* de Berlin frente aos representantes de todos os partidos com acento parlamentar: „Já não conheço partidos, conheço apenas alemães. Em sinal de que estão firmemente determinados a permanecer a meu lado em todas as vicissitudes, no sofrimento e na morte, sem diferenças de partido, sem diferença de raça, sem diferenças de confissão, exorto os representantes dos partidos a avançarem e a jurarem-mo em mão” (Tradução minha).

⁵ Não é de esquecer que as análises históricas deste acontecimento referem frequentemente que por trás desta medida não deverá ver-se apenas o sinal de um antissemitismo primário, mas uma afirmação de poder por parte do chefe geral das forças armadas Paul von Hindenburg (e de Erich Ludendorff) contra o Chanceler Bethmann Hollweg.

⁶ Veja-se, a título de exemplo, o que Werner T. Angress escreve a propósito do censo judaico: “If the course of German History during the post-war period had taken a different direction from that which it ultimately did take – and the possibility existed at least until 30th January, if not beyond that date – the *Juden-zählung* would have remained a mere episode, a humiliation like others before, remembered with distaste, but ultimately shrugged off as just another manifestation of *Risches* on the part of Wilhelminian Germany’s military elite” (Angress 1978:135)

⁷ Segundo Susanna Oram, Fürth considera que os Judeus só têm uma forma de responder ao insulto que constitui o censo judaico: não se furtar à contagem e provar pelos resultados o quão injusta a acusação é (2000: 468).

⁸ Em 1 de fevereiro de 1917 o texto é reeditado na revista *Schaubühne*.